

A produção intelectual de Daniel Hogan sob diferentes olhares: entrevistas com Leila da Costa Ferreira, Donald Sawyer e Heloísa Costa e depoimentos de Marcelo Vargas e George Martine

Igor Cavallini Johansen¹

Thais Tartalha do Nascimento Lombardi²

Carla Craice da Silva³

Roberto Luiz do Carmo⁴

Para compor o dossiê em homenagem a Daniel Hogan, temos o prazer de apresentar aos leitores um conjunto de relatos com experiências de pesquisadores que se beneficiaram ao longo de suas carreiras de diálogos com Hogan e, de certa forma, tiveram suas trajetórias impactadas pela sua produção intelectual.

Participam com seus relatos: [Leila da Costa Ferreira](#), professora titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e pesquisadora do Núcleo de Estudos Ambientais (NEPAM), ambos da Unicamp; [Donald Sawyer](#), professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e

¹ Pós-doutorando no Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo. E-mail: igorcav@unicamp.br

² Professora da Universidade Federal do ABC (UFABC). Santo André, São Paulo. E-mail: thais.tartalha@ufabc.edu.br

³ Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). São Francisco do Conde, Bahia. E-mail: carla.craice@gmail.com

⁴ Professor do Programa de Pós-graduação em Demografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, São Paulo. E-mail: roberto@nepo.unicamp.br

da Universidade de Brasília (UnB); [Heloísa Soares de Moura Costa](#), professora titular de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); [Marcelo Vargas](#), professor de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR); e [George Martine](#), que foi funcionário de carreira e consultor em diversas agências da Organização das Nações Unidas. Atualmente é consultor independente.

A proposta inicial era a elaboração de algumas perguntas chave a partir dos quais todos os pesquisadores convidados teriam a oportunidade de esboçar como ocorreu o encontro e a relação de intercâmbio intelectual com Daniel Hogan. Alguns convidados seguiram esse roteiro, que dividimos em três seções de perguntas: “O início”, “Contribuições” e “Ponderações finais”. A essas perguntas contamos com as contribuições de Leila da Costa Ferreira, Donald Sawyer e Heloísa Costa. Outros preferiram utilizar-se da palavra de forma livre para expressar sua relação de crescimento a partir da convivência e diálogo com Hogan. Esse foi o caso de Marcelo Vargas e George Martine.

Agradecemos imensamente pela generosidade dos depoimentos de referências tão importantes ao nosso campo de estudos. Suas falas permitem marcar para a posteridade não apenas as contribuições teóricas, mas também a mudança humana que Daniel Hogan tinha a capacidade de realizar naqueles que desfrutavam de seu convívio. Os relatos exaltam a grande contribuição de Hogan em tratar a questão ambiental por uma abordagem interdisciplinar das ciências humanas, algo pioneiro na época, além da sua capacidade de agregar diferentes pesquisadores em torno dos estudos sobre população e ambiente. Esperamos que esses relatos inspirem pesquisadores contemporâneos e também aqueles que ainda surgirão no campo das ciências que se dedicam à compreensão das inter-relações entre população e ambiente. Desejamos a todos uma ótima leitura.

Entrevistas

Parte 1 - O início

[Revista Idéias] Gostaríamos de começar perguntando quando e como conheceu Daniel Hogan. Além disso, quais foram os aspectos do trabalho dele que primeiro lhe chamaram a atenção?

Leila da Costa Ferreira: Conheci o saudoso e querido Daniel Hogan ainda durante meu curso de graduação em Ecologia. Na verdade, estudávamos a questão dos resíduos sólidos com apoio de IC (Iniciação Científica) da Fapesp e Daniel, indicado pelo nosso orientador na época, foi um profissional que nos ajudou muito.

Depois disso fui estudar as questões de saúde e ambiente que foi objeto de minha monografia de graduação também com apoio da Fapesp. Quando me formei comecei um estágio na Faculdade de Saúde Pública na USP sob orientação do prof. Foratini para possível continuidade de meus estudos e nesse momento Daniel Hogan convidou a mim e Lúcia da Costa Ferreira para virmos fazer o mestrado em sociologia com ele. Foi aí que tudo começou.

Donald Sawyer: Conheci Daniel pessoalmente na reunião da Population Association of America (PAA) em New York em abril de 1974, quando eu estava terminando os créditos do doutorado em Sociologia em Harvard e ele estava indo começar sua carreira na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Em termos acadêmicos, a primeira novidade que me chamou a atenção foi seu trabalho sobre migração e poluição em Cubatão, mostrando que os ricos vão morar em lugares mais limpos e os pobres ficam. Foi importante chamar a atenção para a variável migração, não apenas o tamanho e crescimento da população (fecundidade e mortalidade), como era e continua sendo comum no pensamento sobre impactos ambientais.

Heloísa Costa: Conheci Daniel como aluna durante o doutorado em Demografia no Cedeplar (1989 – 1995) e nos

Encontros da ABEP desde 1990, no GT População e Meio Ambiente, que era como o GT se chamava no início. Posteriormente ele participou de minhas bancas de qualificação e defesa final. Tivemos praticamente duas décadas de convivência em diversos momentos. Trazer o olhar ambiental a partir das ciências humanas/sociais era uma novidade para mim e para muitos na última década do século passado. Também me chamou a atenção a sua humanidade, sua gentileza e sua curiosidade.

[Revista Idéias] E como foi construir uma parceria elou um diálogo de pesquisa com Daniel Hogan?

Leila: Foi fundamental para minha formação e depois para minha carreira docente junto ao Departamento de Sociologia. Formamos uma parceria intelectual e institucional que possibilitou, inclusive, auxiliar, junto com vários colegas e amigos, a própria institucionalização da problemática ambiental do ponto de vista das ciências sociais no Brasil.

Donald: Mantivemos contato quando eu era professor e pesquisador no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde montamos o primeiro doutorado em Demografia na América Latina. Fizemos um acordo de cooperação entre o CEDEPLAR e o Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Unicamp, onde também surgiu o Núcleo de Pesquisas Ambientais (NEPAM). O Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) também montou um projeto conjunto com o NEPO para fazer pesquisa sobre migração em Mato Grosso. Além disso, mantivemos contato por meio da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), especialmente no Grupo de Trabalho População e Meio Ambiente, que depois se transformou no GT População, Espaço e Ambiente. Uma dúzia de textos do Daniel consta das bibliografias nos programas de minhas disciplinas ministradas no CEDEPLAR entre 1977 e 1989 e no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB) entre 1995 e 2013.

Heloísa: Foi uma revelação, uma descoberta das questões ambientais a partir de uma perspectiva das ciências sociais e humanas. Fui me aproximando dos pesquisadores do GT dentro da ABEP e também no Cedeplar que começava a desenvolver um grande projeto no âmbito de um PADCT – CIAMB intitulado “Biodiversidade, População e Economia: Uma região de Mata Atlântica”, centrado no vale do Piracicaba mineiro, dentro do qual fiz minha tese. Daniel e o grupo da Unicamp participavam de um projeto semelhante no Vale do Piracicaba paulista, o que propiciou muitas interlocuções entre os projetos.

Parte 2 - Contribuições

[Revista Idéias] Como você percebe o trabalho de Daniel Hogan no contexto da consolidação dos estudos ambientais no Brasil? Quais as contribuições desse trabalho no âmbito dos estudos ambientais no país e até fora dele?

Leila: Em primeiro lugar a importância dos estudos sobre população e ambiente tanto no Brasil quanto internacionalmente. Daniel além de precursor no tema teve uma importância gigantesca na qualidade do seu trabalho. Em segundo lugar sempre teve um espírito de agregar pessoas e nuclear essas pessoas para formalizar novos espaços institucionais.

Donald: A contribuição principal no Brasil, por meio dos vínculos acima mencionados, além de inúmeras publicações, foi chamar a atenção para as ligações entre população e meio ambiente, evitando abordagens simplistas.

Fora do Brasil, Daniel teve ampla participação em eventos, cursos e associações nos Estados Unidos e na América Latina, além de organizações como a International Union for the Scientific Study of Population (IUSSP).

Heloísa: Percebo o pioneirismo do trabalho do Daniel ao articular questões ambientais com as dinâmicas do processo de urbanização brasileiro, particularmente do Sudeste, reforçando que o ônus ambiental recai e é distribuído de forma desigual, reforçando as muitas precariedades relacionadas à habitação, à infraestrutura e à inserção no trabalho, principalmente, industrial. Daniel, até onde sei, não usava conceitos vindos da ecologia política, como justiça ambiental, racismo ambiental ou a abordagem dos conflitos, usava outros referenciais conceituais, mas exercitava com rigor a visão e a análise crítica dos processos que estudava. Nesse sentido, a ênfase numa discussão teórica de risco, desastres, *hazards* etc também tem seu caráter pioneiro nos estudos de população e meio ambiente no Brasil, evoluindo para uma discussão mais ampliada da vulnerabilidade (das pessoas e dos lugares, com diversos orientandos e pesquisadores que não quero nomear para não ser injusta em minhas lembranças – há um texto importante de Marandola e Hogan sobre vulnerabilidades, por isso particularizo nesse caso), que é cada vez mais atual e necessária.

[Revista Idéias] Quais aspectos das pesquisas ou dos trabalhos de Daniel Hogan você acha mais interessantes e necessários? Por quê?

Leila: Difícil responder pois foram vários pontos, mas saliento a questão das migrações pois Daniel e todo o grupo de demógrafos latino-americanos foram fundamentais para clarear uma perspectiva crítica da questão e anti-malthusiana.

Ressalto também suas contribuições ao debate sobre mudanças climáticas.

Donald: No plano geral, o mais interessante e necessário foi esclarecer que população não é o problema, mas não deixa de ser um problema. Faz falta esta posição equilibrada entre os extremos controlistas e anti-malthusianos.

Heloísa: Acho que já respondi parcialmente esta questão na pergunta anterior.

Complementando acho também muito importante a discussão desenvolvida sobre metropolização e impactos socio-ambientais, e talvez uma dimensão muito importante a ser ressaltada seja a discussão sobre pressão e disponibilidade de recursos hídricos. Tive a oportunidade de participar de algumas defesas de tese orientadas por Daniel que abordaram estas temáticas de forma muito intensa.

Num momento mais recente, Daniel teve um papel muito importante na interlocução entre o debate sobre mudanças climáticas e os debates que já vinham sendo realizados sobre implicações socioespaciais das mudanças ambientais globais. Creio que Daniel teve marcante influência na Rede Clima coordenada por Carlos Nobre a partir do INPE, coordenando (e eu tive a oportunidade de o ajudar um pouco nesta tarefa) a sub-rede Mudanças Climáticas e Cidades, que pretendia construir uma ponte epistemológica e prática entre os debates travados no seio do então PBMC – Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas – e os pesquisadores das áreas de demografia, sociologia, planejamento urbano entre outros. Infelizmente esta tarefa Daniel não logrou concluir, tendo sido deixada para seus companheiros de pesquisa entre os quais Roberto do Carmo e outros.

[Revista Idéias] Alguma sugestão de texto que você ache que resume bem o trabalho do Daniel Hogan ou que é importante para o trabalho que você desenvolveu?

Leila: O livro dele e de Thomasquim para a Academia Brasileira de Letras onde tenho um capítulo sobre cidades e mudanças climáticas.

Donald: São dezenas de textos relevantes do Daniel ou em co-autoria com outros, mas eu destacaria o texto sobre crescimento demográfico e meio ambiente apresentado na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS) em 1991.

Heloísa: A lista é extensa, mas tenho especial carinho por alguns textos iniciais, como aqueles que analisam o caso de Cubatão e um texto clássico, intitulado População e meio Ambiente, em que ele proporciona uma varredura do início da percepção ambiental do ponto de vista das ciências sociais. A versão que tenho e uso até hoje como um resgate histórico foi publicada como Textos Nepo no. 16 de 1989, não sei se posteriormente foi publicado de outra forma.

[Revista Idéias] Do seu ponto de vista, como esses conceitos/pesquisas/trabalhos colaboram com o recorte e as análises das questões ambientais hoje?

Leila: O trabalho de Daniel teve muita importância na questão ambiental em todos os sentidos. Além do que orientou muitos alunos em todos os níveis.

Donald: Além de publicar muitos textos, Daniel foi pessoa chave na formação acadêmica e profissional de dezenas de pessoas que trabalham com população e meio ambiente, embora os ex-alunos e outros continuem sendo uma minoria no mundo acadêmico segregado por disciplinas.

Heloísa: Creio que todos os conceitos que mencionei continuam sendo válidos e muitos deles são usados de forma analítica como também como recorte para políticas públicas, a exemplo dos textos sobre risco/vulnerabilidade.

Parte 3 – Ponderações finais

[Revista Idéias] A quais perguntas de pesquisa e/ou metodologias você acha que Daniel Hogan estaria se dedicando nos dias atuais?

Leila: Com certeza ao tema das mudanças climáticas.

Donald: Com certeza, atualmente o Daniel estaria focando as mudanças climáticas e o desmatamento, além de assuntos já tratados por ele tais como a poluição urbana.

Heloísa: Creio que no momento atual, em que vivemos um retrocesso grave quanto à política ambiental em várias escalas, Daniel voltaria novamente seu olhar para as questões ligadas ao desmatamento e ao agronegócio e sua relação com mudanças ambientais, processos migratórios agravamento das desigualdades socioespaciais.

Talvez, tendo em vista seu conhecimento acumulado sobre sociedade de risco e vulnerabilidades, Daniel desenvolvesse um olhar especial para os grandes desastres/crimes ambientais associados à mineração, ao rompimento de barragens e à cadeia de efeitos colaterais sobre a natureza, e a vida dos moradores atingidos. Mas isto é uma suposição minha.

[Revista Idéias] Você pode compartilhar conosco algum momento interessante, engraçado ou curioso que tenha vivido com Daniel Hogan e do qual se recorda até hoje?

Leila: Daniel ao contrário do que muitos imaginam tinha um senso de humor muito aguçado e muito perspicaz. Foram muitos momentos agradáveis e de uma amizade que nos deixou muita saudade.

Donald: Em 1974, Daniel aprovou meu relacionamento com minha futura (hoje ex-) esposa Diana Reiko Tutiya Oya, professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Centro de Estudos da Dinâmica Populacional (CEDIP) que estava fazendo o doutorado em Demografia em Harvard e me envolveu de uma vez por todas nos estudos populacionais, como também ambientais, por meio das pesquisas sobre malária na fronteira amazônica.

Heloísa: Um momento de grande aprendizado para mim com Daniel foi o processo de elaboração da coletânea *Population and environment in Brazil: Rio +10*, organizado por ele, Elza Berquó e por mim como parte da contribuição brasileira à Rio +10, realizada em 2002 em Johannesburgo. Daniel conseguiu reunir um número importante de autores e de debatedores, fazendo-os cumprirem os prazos estabelecidos e montando um criativo seminário de discussão das versões iniciais dos textos. Não é um fato engraçado ou curioso, mas reforça a incrível capacidade que ele tinha não só para o trabalho, mas para contornar disputas e arestas e motivar a todos para o trabalho colaborativo.

Depoimentos

Convivência e aprendizado com o saudoso Mestre, Prof. Daniel Hogan

Marcelo Vargas

Na minha trajetória acadêmica, tive a felicidade de encontrar um mestre de vasto conhecimento e grande sabedoria, coisas que nem sempre caminham juntas. Um professor que não se envaidecia com os próprios títulos e saberes, que sabia ouvir e incentivar o talento de jovens aprendizes, e que teve papel de destaque na minha formação como pesquisador de políticas ambientais, como descrevo abaixo.

1. Do encontro ao compromisso.

Ao me formar em Ciências Sociais na Universidade de Brasília, em 1984, já decidido a seguir uma carreira acadêmica nesta área, escolhi fazer mestrado em Sociologia na Unicamp, por uma combinação de motivos: de um lado, o prestígio do corpo docente e a força da produção acadêmica desta universidade; do outro, o desafio de viver por conta própria numa cidade grande que, não sendo ainda uma metrópole, ficava a pouco mais de uma hora de viagem da maior e mais cosmopolita urbe do país. Meu amadurecimento, tanto pessoal como acadêmico, estava ligado à descoberta de como é viver numa cidade normal, onde as ruas têm esquinas e recebem nomes, assim como os bairros, deixando de ser meros eixos, vias e setores, nomeados por siglas abstratas concebidas por tecnocratas frios. Refiro-me à capital federal, que seguiu comigo, mesmo assim, enquanto objeto de minha dissertação intitulada *Estratificação e mudança social em Brasília*, desenvolvida sob orientação do prof. Daniel Joseph Hogan e defendida em agosto de 1989.

Na época, a área de concentração do programa de pós-graduação em Sociologia da Unicamp era “Estrutura social brasileira”, na qual predominavam abordagens teóricas de cunho histórico-estrutural, sobretudo as variantes marxistas. Além de Marx e Engels, e dos outros “pais fundadores” desta ciência (Weber e Durkheim), lia-se também muito Althusser, Poulantzas, Gramsci, Adorno, Horkheimer e Habermas, assim como Bourdieu, E. P. Thompson, Perry Anderson, Adam Przeworski, além dos brasileiros Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni, Juarez Brandão Lopes, Milton Santos, entre tantos outros. Inicialmente, meu orientador seria o prof. André Villalobos, cujos estudos e pesquisas abrangiam os diferentes processos de formação das Classes Sociais.

Todavia, como o tema de minha dissertação envolvia a “questão urbana”, bastante estudada na minha graduação na UnB, uma área que, de certa maneira, fugia ao escopo dos estudos e pesquisas do prof. Villalobos (não obstante o viés neomarxista da sociologia urbana de Castells, Lojkin, Préteceille ou David Harvey), acabei sendo encaminhado para a orientação do prof. Hogan, que vinha estudando os processos de urbanização numa perspectiva bastante diferente, ao privilegiar o ponto de vista da demografia.

Na época, meados dos anos 1980, o prof. Daniel Hogan coordenava o recém-criado Núcleo de Estudos de População (NEPO), por cuja fundação e consolidação foi um dos principais responsáveis, onde me recebeu para diversas sessões de orientação. Não tive a oportunidade de cursar nenhuma disciplina ministrada pelo saudoso mestre, mas tive o privilégio de ter sido seu orientando no mestrado. Era extremamente sério e, ao mesmo tempo, sempre gentil, cordial e atencioso com qualquer pessoa, sobretudo os seus alunos. Jamais me recebeu apressado, por mais que estivesse ocupado com inúmeros projetos e responsabilidades. Não perdia tempo. Sempre havia lido os diversos esboços de seções, tópicos e capítulos da minha dissertação em andamento, cujos manuscritos cobria de numerosas observações e comentários críticos, além de correções de ortografia e gramática, demonstrando amplo domínio do português escrito no estilo acadêmico.

De minha parte, formado numa perspectiva mais europeia, desconfiava do conceito de população e do que julgava ser uma abordagem empiricista das classes e grupos sociais, a qual me parecia mais descritiva do que explicativa. Com o tempo, Daniel me ensinou a importância de observar o comportamento dos dados sociodemográficos e econômicos, seu impacto e sua variação ao longo do tempo, sejam agregados ou estratificados por diferentes critérios; assim como a necessidade de mapear a distribuição das variáveis pertinentes ao problema investigado no espaço, utilizando diferentes recortes e escalas.

Concluído o mestrado, com a defesa da dissertação, resolvi fazer doutorado em Planejamento Urbano no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris XII (IUP). Sem querer me desencorajar, Daniel questionou o propósito desta escolha, vislumbrando melhores perspectivas para mim na própria Unicamp, como doutorando que integraria o grupo multidisciplinar de pesquisadores associados ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM), de cujas atividades eu já vinha participando; outro núcleo de excelência que dirigiu e ajudou a consolidar no âmbito desta universidade.

Permaneci quatro anos na França onde, inicialmente, estudei três trimestres de Planejamento Urbano e Regional no IUP e, depois, fui pesquisar e desenvolver minha tese no âmbito do LATTs, laboratório de pesquisas multidisciplinares sobre as relações entre redes sociotécnicas, territórios e sociedades, especializando-me no campo dos “serviços urbanos”, sob orientação do ilustre prof. Henri Coing.

Naquele país, também conheci e me casei com uma brasileira. Como não terminei e defendi a tese nos quatro anos regulamentares do doutorado, durante os quais desfrutei de uma bolsa da CAPES, tive de retornar ao Brasil no segundo semestre de 1993, com o manuscrito inacabado, desempregado e com a esposa grávida de oito meses. Permanecemos alguns meses na casa da minha mãe, em Brasília, onde nasceu nosso primeiro filho, fazendo planos de nos mudarmos para São Paulo, onde minha mulher voltaria a trabalhar na área de teatro e animação cultural.

Já início de 1994, meus planos puderam se tornar realidade, quando meu antigo orientador me convidou para fazer um estágio remunerado no NEPAM, com carga horária semanal de 12h, cujo escopo consistia em participar das atividades de pesquisa daquele núcleo, desenvolver e discutir minha tese sobre as políticas de saneamento no Brasil com os pesquisadores. Assim, com uma boa ajuda do Daniel, pude residir em São Paulo com minha família, sem perder minha conexão com a tese e o mundo da pesquisa acadêmica. Minha contribuição para as pesquisas desenvolvidas no NEPAM consistiu em estudar e debater a institucionalização do recém-criado sistema paulista de gestão integrada de recursos hídricos, com foco de análise nas interfaces desta política com o saneamento e a urbanização nas bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá.

Permaneci como estagiário no NEPAM até terminar e defender minha tese em 1996. Ali participei de seminários e atividades de pesquisa; aprendi a trabalhar em equipe e a dialogar com pesquisadores de outras áreas do conhecimento científico, tendo alargado minha experiência de pesquisa interdisciplinar, iniciada no campo do urbanismo, na França, ao ganhar novos interlocutores oriundos da ecologia, agronomia e outras ciências ambientais. Continuei no NEPAM até o início de 1998, já como bolsista “jovem pesquisador” da FAPESP, onde tive a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa multidisciplinar de grande envergadura: *Qualidade ambiental e desenvolvimento regional nas bacias dos rios Piracicaba e Capivari*, desenvolvido sob a coordenação do prof. Hogan, com apoio do programa PADCT/Ciamb. No segundo semestre daquele ano, após ser aprovado em concurso público, ingressei no corpo docente do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar.

2. Legado acadêmico e científico na área ambiental

Muito aprendi com o dileto mestre sobre a interação de mão dupla das diferentes populações (situadas no espaço e no tempo, tanto físico, quanto social) com o seu meio-ambiente.

A propósito do impacto agregado da urbanização e dos padrões de consumo das diferentes comunidades ou coletividades territoriais sobre os recursos naturais e a qualidade do meio ambiente que as cerca e molda suas condições de vida. Este aprendizado não veio somente da leitura de livros, capítulos e artigos escritos ou organizados pelo prof. Hogan, mas sobretudo da experiência de trabalhar em alguns projetos temáticos elaborados e coordenados por ele, envolvendo equipes multidisciplinares com pesquisadores de diversas instituições nacionais (NEPO, NEPAM, ESALQ, INPE, Procam/USP, UNESP etc.), além de pesquisadores visitantes dos EUA, da Europa e da América Latina. A estes vieram se somar projetos, seminários e trabalhos de consultoria coordenados por antigos discípulos deste mestre inesquecível que se tornaram pesquisadores de destaque na área de conhecimento interdisciplinar situada na interface Sociedade/Meio Ambiente (Leila e Lúcia Ferreira da Costa, Sônia Seixas, Roberto do Carmo, Eduardo Marandola, Ricardo Ojima, entre outros).

Nos anos 2000, ao assumir cargos administrativos e diversificar minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão na UFSCar, meu contato com o Daniel Hogan se tornou mais raro, assim como minha colaboração com o NEPAM. A situação mudou em 2009, quando o Daniel veio pessoalmente à UFSCar convidar a mim e a meu colega Thales de Andrade, também ligado ao NEPAM, para integramos a equipe de um projeto temático pioneiro que iria pleitear o apoio da FAPESP na primeira chamada do Programa Mudança Climática Global desta fundação. Ambos ficamos honrados com o convite e nos tornamos colaboradores do projeto *Crescimento urbano, vulnerabilidade e adaptação: dimensões socioambientais da mudança climática no litoral paulista*, que veio a ser aprovado e apoiado pela FAPESP naquele mesmo ano. Lamentavelmente, o saudoso professor e amigo Daniel Hogan veio a falecer em 27 abril de 2010, ainda no primeiro ano de vigência deste projeto inovador que se encerraria em meados de 2013.

Não obstante o curto tempo que durou minha derradeira reaproximação do prof. Daniel, no âmbito do referido projeto de pesquisa, voltei a aprender muito com ele sobre o papel

das ciências sociais no estudo das mudanças climáticas, cuja complexidade demanda um enorme esforço de pesquisa e reflexão teórica multidisciplinar. Aprendi a analisar o papel das cidades e da urbanização na dinâmica do clima, em diferentes escalas espaciais e temporais; a entender o papel das políticas de mitigação e adaptação em diferentes campos e setores, como água, energia, transportes, biodiversidade e serviços ambientais, mediante amplo diálogo com pesquisadores provenientes das mais diversas áreas do conhecimento científico, cujos saberes se articulavam na visão integrada do coordenador.

Neste aprendizado desafiador, tive a oportunidade de contribuir para um dos primeiros livros de peso sobre aspectos socioambientais das mudanças climáticas publicados em nosso país: *População e Mudança Climática: dimensões humanas das mudanças ambientais globais*, organizado pelos profs. Daniel Hogan e Eduardo Marandola, cuja edição pelo Nepo/Unicamp contou com o apoio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). O capítulo “Regime internacional de mudanças climáticas e cooperação descentralizada: o papel das grandes cidades nas políticas de adaptação e mitigação”, que escrevi com Diego Freitas Rodrigues, na época meu orientando no doutorado em Ciência Política na UFSCar, abriu caminho para outros pesquisadores interessados neste tema, como Adalberto Gregório Back e Fabiana Barbi, entre outros.

3. Daniel educador: lições inesquecíveis

Foi no mestrado, sem dúvida, que recebi as melhores lições acadêmicas do prof. Daniel, em seu papel de orientador dedicado. Com ele, aprendi aos poucos a conter meus ímpetos diletantes e minha ânsia juvenil por reconhecimento, que faziam dispersar-me em elucubrações teóricas desnecessárias e recheiar cada página escrita com inúmeras notas de rodapé. Jamais esqueci suas críticas a este respeito: “o leitor não precisa ser apresentado ao seu caderno de anotações; embora importantes para o seu aprendizado, essas anotações não precisam entrar no texto de sua dissertação”; “você

não precisa mergulhar em reflexões epistemológicas aprofundadas para entender o objeto/problema investigado, mas somente, levantar alguns dados e formular algumas perguntas e análises sobre o tema”. Foram lições que absorvi aos poucos e passei a praticar ao longo da carreira, nos artigos, capítulos e livros que vim a publicar; lições que mais tarde repassei aos meus alunos e orientandos no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFSCar.

4. Daniel pesquisador: abrindo caminhos e percorrendo novas trilhas

Creio que, se ainda estivesse entre nós, Daniel estaria se aprofundando no estudo da vulnerabilidade aos riscos que emergem com a globalização, cujos impactos atingem desproporcionalmente as camadas e grupos sociais desfavorecidos em diferentes escalas, numa frente que abriu em suas pesquisas sobre as mudanças climáticas. Assim, estaria buscando ferramentas para analisar como a vulnerabilidade aos riscos de contágio e morte de covid-19, bem como a resiliência e a capacidade de adaptação das pessoas e das instituições à pandemia, variam de acordo com o país e os grupos sociais em questão. Ferramentas baseadas em *big data*, que permitissem não apenas evidenciar fragilidades atuais específicas, mas também projetar cenários para orientar políticas de enfrentamento.

Hogan e os estudos ambientais na demografia brasileira: uma reflexão pessoal

George Martine

Esta nota relata alguns aspectos da trajetória do Professor Daniel na perspectiva de um contemporâneo que compartilhou momentos da sua caminhada profissional. Vou tentar situar a produção do Daniel no contexto do desenvolvimento da demo-ecologia na nossa região a partir de um ponto de vista reconhecidamente limitado, ou seja, da minha percepção. Fomos amigos por décadas, compartilhamos perspectivas e ideologias no genérico, apesar de algumas divergências no campo de ideias específicas. Fomos colaboradores no plano institucional, especialmente no contexto da ABEP mas, curiosamente, nunca escrevemos um texto em conjunto.

De início, vale recordar que os trabalhos acadêmicos que relacionam tendências demográficas com questões ambientais são relativamente recentes, tanto na América Latina como no Brasil. A primeira grande Conferência Internacional sobre Meio Ambiente tinha sido promovida em Stockholm, no ano 1972. Onze anos depois, foi realizado um magno Congresso Latino-americano de População e Desenvolvimento, no México, com grande número de participantes que se dividiram em 33 sessões temáticas⁵. Consta que nenhuma sessão e nenhum trabalho desta reunião se debruçaram sobre a questão ambiental. Um evento de porte e finalidade similar foi realizado dez anos depois (1993), novamente no México. Apenas uma das 22 sessões temáticas neste segundo Congresso incluía o tema ambiental e os trabalhos submetidos à sessão, ao contrário do que ocorreu nas outras sessões, nem foram publicados⁶.

⁵ Memorias del Congreso Latinoamericano de Poblacion y Desarrollo. UNAM/ El Colegio de Mexico/PISPAL. Nov. 1983 (2 volumes).

⁶ La Transicion Demográfica em America Latina y el Caribe. INEGI/IISUM.

Aqui no Brasil, o interesse da demografia na questão ambiental também custou a decolar. Percebe-se que nos Encontros iniciais da ABEP e nos primeiros números da Rebep, alguns trabalhos lidavam com questões demográficas relacionadas com a fronteira agrícola ou com a devastação dos recursos naturais da região amazônica. Entretanto, os primeiros textos diretamente voltados para a interface entre tendências demográficas e a questão ambiental a serem publicados nos Anais de Encontros e na Rebep só apareceram em 1988.

As origens de uma preocupação demo-ecológica no Brasil podem ser encontradas, em grande parte, nos dois principais centros de estudos demográficos do país – o Cedeplar e o Nepo. Por caminhos diferentes, estes dois centros tiveram um papel fundamental na criação das condições institucionais para o desenvolvimento de estudos ambientais na demografia brasileira. Entretanto, a trajetória, o timing e a influência na expansão dos estudos demo-ambientais destes dois centros divergem, não somente em termos das personagens e das temáticas abordadas, mas também das prioridades e dificuldades encontradas. A caminhada de Daniel Hogan nesta narrativa certamente merece um capítulo à parte.

No Cedeplar, centro então voltado para questões demo-econômicas e regionais, o tema ambiental despontou, eventualmente, em circunstâncias que poderíamos qualificar de *serendipity*. No final da década de 1970, o Cedeplar tinha sido contratado pela SUDAM (Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia) para realizar uma pesquisa de grande porte sobre migrações internas na Região Norte do país. Assim, o Cedeplar começou a se debruçar, pela primeira vez, sobre as tendências demográficas amazônicas. Dada a dimensão da pesquisa encomendada, esta temática passou a ocupar espaço importante na estrutura e na agenda da instituição. Parte dos recursos foi utilizada na contratação de reforços especializados em

Marzo, 1993. Por coincidência, Daniel apresentou um dos três papers na sessão e eu servi de comentarista (páginas 1029-1034).

temas amazônicos para a equipe. Vários professores e alunos do Cedeplar acabaram participando, de uma forma ou outra, desta agenda. Com o tempo, este grupo foi naturalmente expandindo seus interesses para questões ecológicas. Formou-se, assim, um núcleo de estudos que se transformou, aos poucos, num centro de referência sobre temas ambientais amazônicos, particularmente depois que esta região passou a representar um eixo central da preocupação ambiental mundial. O fortalecimento desse grupo e a extensão de seus interesses substantivos para outras questões que relacionam demografia e ecologia foi central na nossa história.

No caso do NEPO, em contraste, a trajetória dos estudos demo-ambientais tem suas origens centralizadas diretamente na pessoa do Daniel Hogan. Quando o conheci, numa reunião da IUUSP em 1972, o Daniel era um jovem sociólogo interessado principalmente nas temáticas de vulnerabilidade urbana no México e no Brasil. Ao longo das próximas décadas, voltamos a nos reencontrar em dezenas de reuniões, no Brasil e no exterior. Nesta trajetória, pelo que pude constatar, Daniel deu uma guinada importante no foco substantivo dele, na direção ambiental, a partir de meados da década de 1980.

Em retrospecto, pareceria que o post-doc que Daniel fez (em Cornell, 1986-87) possa ter acelerado sua transição para uma atenção mais explícita na questão ambiental. Recordar-se que, nessa época, o mundo estava começando a ficar mais preocupado com a confirmação de uma relação estreita entre ‘desenvolvimento’ e degradação ambiental. Diversos fatores – *inter alia*, as dificuldades estruturais encontradas na implementação de medidas preservacionistas, a constatação dos incrementos na poluição ambiental mundial, a descoberta de um buraco na camada de ozônio, as sequelas da chuva ácida nos grandes centros urbanos dos países desenvolvidos – vieram a superar as preocupações ambientais anteriormente dominantes sobre a ‘conservação’ da natureza. Esta transformação acabou provocando um debate crítico sobre as perspectivas da própria sustentabilidade. A combinação destes fatores – que inspiraria uma acentuação da consciência ambiental internacional, a publicação do relatório Brundtland

sobre 'desenvolvimento sustentável' e a própria realização da Rio-92 - certamente teve influência direta na trajetória do Daniel.

No seu retorno ao NEPO, Daniel teve um papel transformador no processo mais geral de inserção dos estudos ambientais na demografia brasileira. Na primeira metade da década de '80, os temas "ecológicos" eram ainda vistos, por muitos de nós da comunidade abepiana, como coisa de país rico e de relevância menor para nossa realidade. Estávamos mais preocupados, tanto no campo acadêmico como político, com outras questões como a descoberta de uma queda imprevista da fecundidade no Brasil, as múltiplas faces da desigualdade de classe, gênero e raça, as implicações sociais dos problemas que se anunciavam na 'década perdida', a luta pelo fim da ditadura militar, as pedras no caminho da redemocratização etc. Vários de nós havíamos focado temas relacionados com a fronteira agrícola e ressaltado os muitos problemas gerados por políticas governamentais equivocadas, assim como as dificuldades enfrentadas pela população que se dirigia à região amazônica. Mas as implicações desta ocupação para a ecologia da região ainda não era motivo de interesse específico da nossa comunidade.

Neste contexto de relativa indiferença e desconhecimento, Hogan foi instrumental na instalação de preocupações ambientais mais amplas no cerne das questões substantivas do NEPO e da ABEP durante a segunda metade da década de '80. Foi a época em que ele começou debater o tema e montar uma pequena equipe de alunos e pesquisadores voltada para questões ambientais, especialmente em relação a temas urbanos⁷. Salvo engano, os primeiros trabalhos do Hogan centrados especificamente nas questões ambientais no Brasil datam de 1987, e a primeira apresentação destes na ABEP, no Encontro de 1988. No mesmo evento, outro trabalho pioneiro foi apresentado por Leila da Costa Ferreira, uma das primeiras numa longa lista de alunos do Daniel

⁷ Para uma discussão deste legado, ver: MARANDOLA JR., E.; OJIMA, R. Prefácio. In. HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., E.; OJIMA, R. **População e ambiente: desafios à sustentabilidade**. São Paulo, SP: Blucher, 2010.

a se destacarem nos temas demo-ecológicos. Ou seja, Daniel estava criando uma escola e incentivou um número considerável de discípulos que fazem hoje parte da elite dos estudos demo-ambientais no Brasil.

Na minha perspectiva, Daniel deu outras contribuições genéricas para a nossa comunidade nessa temática – além da criação de uma escola e dos aportes substantivos específicos analisados nos outros trabalhos desta publicação. Por um lado, ele ajudou a estabelecer um equilíbrio bem fundamentado com respeito a certas questões ideológicas que habitavam as discussões ambientais na época e que ameaçavam devastar a agenda demo-ambiental antes dela amadurecer no nosso meio. Por outro, contribuiu para que a dimensão ambiental urbana e espacial fosse ressaltada, ajudando a impedir que a nossa agenda saltasse diretamente do “conservacionismo” para o “amazonismo”. Explico estes dois pensamentos em seguida.

Para situar o embate de ideias no momento de inserção da temática ambiental nos estudos demográficos, é preciso entender como a própria novidade, complexidade, abrangência e relevância da questão ambiental e sua relação com as dinâmicas demográficas geraram, tanto na literatura global como na nossa comunidade, diversidade e alguma divergência nas abordagens substantivas, assim como nas interpretações ideológicas desta temática. Desde a década de '60, o meio acadêmico internacional já vinha discutindo asperamente o impacto do crescimento populacional na catalisação de problemas ambientais. As perspectivas de corte neomalthusiano geralmente imperavam nesses debates, já que o establishment populacional, escudado pela famosa e espúria equação $I = PAT$, se posicionava a favor da proposição de que o crescimento populacional era o grande empecilho à sustentabilidade.

A base ideológica deste tipo de postura, interpretada como favorável ao controlismo populacional, já vinha sendo combatida no meio acadêmico e político muito antes da decolagem dos estudos demo-ambientais no Brasil. Por outro lado, a nossa comunidade esteve engajada em lutas políticas e sociais desde sua criação e uma das características marcantes em alguns setores mais destacados

da demografia, nestes primórdios, era justamente a luta contra o neo-malthusianismo que emanava do *establishment* populacional mundial. Ao surgir a discussão ambiental na demografia brasileira, brotou alguma suspeita de que, ao refletir sobre o papel do crescimento populacional na acentuação dos problemas ambientais, se estaria contribuindo para o “controlismo”.

Neste contexto, os primeiros intentos destinados a recolocar a discussão da importância relativa das tendências demográficas nas trajetórias ambientais foram submetidos a certa patrulhagem ideológica. Ou seja, a preocupação ambiental nascente não conseguia se desassociar completamente de questões ideológicas mais amplas sendo discutidas no seio da ABEP. A nossa literatura inicial sobre população e meio ambiente navegava nessas águas turvas com certo cuidado.

O próprio Hogan, embora tivesse mais interesse na interação entre população e meio ambiente em contextos espaciais (cidades, ecossistemas), se viu obrigado a explicar sua posição sobre esses temas mais amplos em vários textos na fase inicial de sua carreira como ambientalista.⁸ Em 1987, escreveu um longo trabalho seminal no qual lamentava que “... o estudioso encontra dificuldades, primeiro, em penetrar o neomalthusianismo que encobre o assunto, e ... ir além do aspecto da pressão de números sobre recursos. Uma extensa pesquisa bibliográfica⁹ não descobriu qualquer tradição que vá além da visão malthusiana...” (HOGAN, 1987, p. 2). Para sair deste impasse, Hogan sugeriu uma abordagem mais abrangente, ou seja, relacionar mudanças ambientais com cada um dos componentes da dinâmica demográfica. “O que procuro é uma análise das relações da dinâmica demográfica, em toda sua complexidade, com a mudança ambiental” (HOGAN, 1987, 6).

⁸ HOGAN, D. J. Dinâmica demográfica e poluição ambiental. *Textos NEPO*, n. 12. Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1987.

⁹ Vale notar que a bibliografia deste texto era notável, realmente “extensa” e abrangente, pois se estendia por 12 páginas!

Os primeiros anos dos estudos demo-ecológicos foram, portanto, bastante intensos nesta tentativa de explicitar a enorme importância dos fatores demográficos na problemática ambiental, explicar que tal esforço não significava concessão ao controlismo e encontrar o caminho para estudos futuros. Tal busca de equilíbrio, no meio de discussões acaloradas, exigiu repetidos esforços. Recordo conversas com Daniel sobre as dificuldades de expor uma visão compreensiva e objetiva desta matéria politicamente carregada. Nestas circunstâncias, nós dois acabamos escrevendo vários textos, diferentes mas complementares, na tentativa de influenciar a pesquisa em outras direções. Com o tempo, acredito que esta postura mais transigente acabou sendo aceita pela maioria e os textos do Daniel sobre essa matéria, muitas vezes replicados, acabaram sendo leitura obrigatória, não somente no Brasil, mas na América Latina.

Uma outra especificidade do nosso engajamento nos estudos demo-ambientais se deriva do fato que o interesse internacional sobre a região amazônica se agudizou justamente no período em que o nosso enfoque ambiental começava a despontar. A rápida expansão do movimento ambientalista internacional, na segunda parte da década de 80, despertou uma consciência internacional sobre os conflitos sociais, econômicos, políticos e ecológicos aparentemente insolúveis que existiriam entre “preservação” e “desenvolvimento”. Entretanto, não havia, como não há até hoje, apoio político para atitudes ou ações que questionariam seriamente a civilização do desenvolvimento via *throughput growth*. Nestas circunstâncias, a busca de soluções que seriam palatáveis para o público dos países desenvolvidos enfatizava soluções tradicionais como o controle populacional (que implicaria apenas na necessidade de medidas em países pobres de alta fecundidade), mas também em questões óbvias de grandes consequências globais aparentemente não relacionados com os efeitos do “desenvolvimento”. Neste particular, o desmatamento amazônico surgiu com grande destaque e houve, repentinamente, certa canalização dos estudos e dos movimentos ambientalistas da época para a questão amazônica. Como o Brasil tem a maior região

amazônica do planeta, era natural que a mídia e a atuação do poder público, assim como a nossa agenda acadêmica incipiente, refletissem de alguma forma essas preocupações.

A questão amazônica era, e obviamente continua sendo cada vez mais, de importância crítica na agenda ambiental do país e do mundo. Merecia e merece uma atenção crítica, particularmente no que tange às políticas governamentais que, em grau cada vez maior, vem devastando a região. Entretanto, nos esforços visando integrar preocupações ambientais e tendências demográficas, era essencial contrabalançar essa ênfase com a observação de que a maior interface desta integração no Brasil não se encontrava na ocupação da Amazônia, mas sim na concentração progressiva da população em centros urbanos cada vez maiores. Ou seja, sem desmerecimento da questão amazônica, era importante considerar que as questões ambientais e sociais de maior significado para a população brasileira, no curto e médio prazos, seriam encontradas nas regiões e nas cidades onde existia maior densidade econômica e demográfica.

Nos seus primeiros trabalhos como jovem pesquisador, a maior preocupação do Daniel tinha sido centrada na vulnerabilidade de populações urbanas. Ele manteve essa ótica espacial na medida em que se concentrava mais nos temas ambientais urbanos e replicava essas abordagens nos estudos de seus alunos. Este foi o período e o tema em que estivemos mais sintonizados, ele e eu, em termos de agenda. Sem embargo, pode ser interessante observar que apesar do nosso acordo sobre a necessidade de dar maior ênfase à questão espacial e também sobre a priorização de questões urbanas, tivemos também as nossas divergências a respeito de como e o quê abordar especificamente.

A ênfase do Daniel era mais clássica, procurando analisar a forma em que padrões de fecundidade, morbidade, mortalidade, migração, nupcialidade e estrutura etária se relacionavam com as mudanças ambientais. Este enfoque, centrado nas relações diretas entre dinâmica demográfica e mudanças ambientais (i.e. - População/Meio Ambiente), aliado a uma preocupação com a disponibilidade de dados empíricos para embasar tais

estudos, o levou a experimentar com abordagens como o estudo da “capacidade de suporte” e das relações população/meio-ambiente no contexto de “vocações sociais de ecossistemas”. Meu enfoque era mais macro e político, relacionado com o impacto do desenvolvimento lato sensu, (ou seja População/Meio Ambiente/Desenvolvimento). Eu achava que todos os espaços, incluindo ecossistemas, sofriam pressões de estruturas e processos exógenos, particularmente durante a escalada da globalização¹⁰. Até propus um conceito alternativo (“o uso sustentável do espaço”), que tentava fazer essa conexão entre meio ambiente, espaço e atividade econômica em espaços específicos; esta iniciativa despertou alguma discussão nos meios ambientais, mas também teve vida curta!

Em suma, os dois escrevemos vários textos sobre essa relação população e meio ambiente que concordavam na necessidade de equilíbrio na sua interpretação, e também na importância de um enfoque espacial, mas que divergiam no nível de generalidade e na consideração explícita do processo geral de desenvolvimento e de decisão política. De qualquer forma, o importante é que o enfoque espacial que o Daniel privilegiou desde o início acabou fortalecendo a devida atenção para estas questões na produção dos pesquisadores brasileiros e na ABEP, conforme sacramentado num número especial da Rebec (Vol 24/2) em 2007, e também na mudança do título do seu GT ambiental para Grupo de Trabalho sobre População, Espaço e Meio Ambiente.

Em suma, reitero a convicção de que o Daniel teve papel preponderante no desenvolvimento da demo-ecologia e na internalização de preocupações ambientais mais genéricas na agenda da comunidade demográfica, aqui no Brasil e também na América Latina. A sua contribuição é particularmente notável

¹⁰ Esta diferença ficou ilustrada no primeiro livro sobre meio ambiente publicado pela Abep, no qual Daniel enfocava temas de população, pobreza e ambiente em Cubatão e eu discursava sobre cenários globais e nacionais da interação entre população, meio ambiente e desenvolvimento. Cf. Martine, G. (org.) População, Meio Ambiente e Desenvolvimento: Verdades e Contradições. Campinas, Editora da UNIICAMP, 1993.

em vista do fato de ter nascido de uma iniciativa individual e ter florescido por conta do seu esforço e convicções. Estou convencido de que grande parte desta influência se deve, não somente à sua dedicação e competência intelectual, mas ao seu caráter. Na minha experiência, Daniel era uma pessoa correta, confiável e colaboradora, sem recorrer às artimanhas que a ambição às vezes gera nas nossas comunidades. Por tudo isso, criou escola e o seu legado merece respeito.